



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**Edital 02/2016-PPgEL – PROCESSO SELETIVO 2017
PROVA ESCRITA – DOUTORADO – LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA**

INSTRUÇÕES

1. Este Caderno possui três questões discursivas, das quais o candidato escolherá uma. Verifique se o caderno está completo e sem imperfeições gráficas que impeçam a leitura. Detectado algum problema, comunique-o imediatamente à Comissão de Seleção.
2. Após sortear o código que o(a) identificará durante a primeira etapa do processo seletivo (prova escrita), você deverá colocá-lo no espaço reservado a esse fim na parte inferior desta página.
3. As respostas serão avaliadas considerando-se apenas o que estiver escrito no espaço a elas reservado.
4. Escreva de modo legível, pois dúvida gerada por grafia e/ou rasura implicará redução de pontos.
5. Utilize qualquer espaço em branco deste Caderno para rascunhos e não destaque nenhuma folha.
6. Os rascunhos e as marcações que você fizer neste Caderno não serão considerados para efeito de avaliação.
7. A versão definitiva da resposta deverá ser redigida com caneta esferográfica azul ou preta.
8. Você dispõe de, no máximo, quatro horas para desenvolver a questão desta prova.
9. Antes de se retirar definitivamente da sala, devolva à Comissão de Seleção este Caderno de provas e todas as folhas utilizadas como rascunho.

Código sorteado pelo(a) candidato(a) para sua identificação: _____

- **Escolha uma das questões a seguir e a desenvolva.**

Obs.: A questão deverá ser respondida em, no máximo, quatro laudas.

QUESTÃO 1

Com base em um ou mais pressupostos (de “a” a “h”) que perpassam as abordagens linguísticas centradas no uso, produza um texto relacionando-o(s) às tirinhas (1), (2), (3) e (4).

a. A relação entre estrutura e uso linguístico

“[...] o termo ‘gramática’ é concebido como o ‘conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso’.”

ROSÁRIO, Ivo da C. do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 37.

b. O papel relevante da frequência

“O levantamento da frequência [...] fornece evidências empíricas de que as inovações que emergem no fluxo da interação, de fato, estão se padronizando/ regularizando na língua como construções formalmente identificáveis.”

LACERDA, Patrícia F. A. da; OLIVEIRA, Nathália F. de. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 58.

c. Os processos cognitivos como dimensões da linguagem

“[...] lidar com a cognição é como pisar em areia movediça para quem passou anos da vida no exercício de identificar categorias fechadas e reconhecer efeitos explícitos.

Compreensível! Não se olhava para a sintaxe como pista para um processo mental dinâmico e não ideal. A escolha de molduras ou enquadramentos de nossos ancestrais, em subsequentes camadas históricas, permitiu herdar e adotar alguns constructos mentais. Mais do que herdar o modo de resolver problemas interativos, herdamos também o processo de adaptar-se e o *know-how* da adaptação”.

LIMA-HERNANDES, Maria C. Nova mente, outro contexto. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 20.

d. As representações linguísticas tomadas como entidades emergentes

“Entende-se que a representação linguística está estritamente vinculada a eventos de uso da seguinte forma [...]: instâncias são a base da formação do sistema linguístico do falante, ou seja, são a experiência a partir da qual o sistema em si mesmo se abstratiza inicialmente; as produções linguísticas não são apenas produtos do sistema do falante, mas servem como input para sistemas de outros falantes, não apenas na fase de aquisição da linguagem, mas durante toda a vida.”

ALONSO, Karen S. B.; CEZARIO, Maria M. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 63.

e. A importância dos dados reais na descrição e na construção da teoria

“Por ‘uso’ entendemos não só o registro da modalidade falada, como tradicionalmente se preferiu [...], mas também as fontes escritas, tanto em variedade-padrão como não padrão.”

ROSÁRIO, I da C. do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015.

f. A relação entre uso, variação e mudança

“Muitas mudanças reconhecidas na passagem do latim para o português foram explicadas em termos de sua prosódia, de sua fonética, de sua pronúncia e forma de articulação, mas sabemos que concomitantemente a isso uma mudança semântica tal operou-se que falantes comuns não mais conseguem estabelecer uma relação lógica entre os usos.”

LIMA-HERNANDES, Maria C. Nova mente, outro contexto. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 18.

g. A integração da linguagem aos sistemas cognitivos

“Essa palavra [cognição] tem assumido sentidos diversos, e estes estão presentes em vários textos com abrangência diversa. O próprio nome ‘língua’ remete a uma metáfora do órgão empregado para produzir sons, o material físico que é matéria-prima para encorpar uma ideia, um pensamento. A língua é, na verdade, um órgão instrumental, da realização, da prática. Como parte do processo, metonimicamente ela representa o processo inteiro. Cognição, mais alinhada com os avanços nas áreas de biologia, psicologia, psiquiatria e neurologia, refere-se ao ponto de partida da criação, ao momento das ligações e relações estabelecidas no processamento, na elaboração: a mente.”

LIMA-HERNANDES, Maria C. Nova mente, outro contexto. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 15.

h. O papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico

“[...] os usos linguísticos são resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas. Portanto, investigar a língua sob a ótica dessa perspectiva significa levar em conta marcas das três instâncias referidas, sob o rótulo maior de ‘contexto’.”

RIOS, Mariângela R. de. Contexto: definição e fatores de análise. In OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 22.

(1)



Disponível em <<http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=39>>: Acesso em 21/9/2016.

(2)



Disponível em <<http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com.br/2015/07/questao-enem-e-vestibular-mafalda-tipo.html>> : Acesso em 21/9/2016.

(3)



Disponível em <<https://pt-static.z-dn.net/files/de1/c09e1a6f6266e1cf29402383e011a431.gif>>: Acesso em 21/9/2016.

(4)



Disponível em <<http://humortadela.bol.uol.com.br/charges/33888>>: Acesso em 21/9/2016.

QUESTÃO 2

Segundo Calvet (2002, p. 59), uma situação de diglossia, isto é, de coexistência de duas formas linguísticas denominadas de “variedade baixa” e “variedade alta”, engloba os seguintes traços relacionados:

- uma divisão funcional de usos: a variedade alta é utilizada na igreja, na correspondência, nos discursos, na universidade etc., enquanto a variedade baixa é utilizada nas conversações familiares, na literatura popular etc.;
- o fato de a variedade alta gozar de um prestígio social de que a variedade baixa não goza;

- o fato de a variedade alta ter sido utilizada para produzir uma literatura reconhecida e admirada;
- o fato de a variedade baixa ser adquirida “naturalmente” (é a primeira língua dos falantes), enquanto a variedade alta é adquirida na escola;
- o fato de a variedade alta ser fortemente padronizada (gramáticas, dicionários, etc).
- o fato de a situação de diglossia ser estável e de poder durar vários séculos;
- o fato de essas duas variedades de uma mesma língua, ligadas por uma relação genética, terem uma gramática, um léxico e uma fonologia relativamente divergentes.

Levando em conta tais traços, as cartas 1 e 2 abaixo e outros dados de seu conhecimento, responda se há uma situação de diglossia no PB, apresentando exemplos que fundamentem e justifiquem sua resposta.

CARTA 1

Meu Marido Snrº Luis

Muito heide estimar que esta va achar voçê esteije com saude que meu desejo voçe me mande contar para hande voçê esta morando. Quem me arematou foi um moço muito rico de campinas o homem chama Marciano quina eu fis uma pormeça em congo voçê não esta lembrado da pormeça que voçê que eu fis voçê não esta lembrado que vôçê pai vendeu voçê para se lembra da pormeça que me avisou de noite eu estava dormindo. Rainha tem companheiro de fase pormeça e não compir e agora ella esta persa no lmal e porioço facillital com santos e porioço voçê veja que a rainha e maior do mundo e esta persa no mal e não pode se salvar porque São Bendicto perdeu ella no mar não pode se çalvar e porioço eu não facilito com santos eu espero hinda compir ainda que esteja com cabelos bracos [...]

[Carta ditada pela escrava Theodora ao escravo Claro, 1868. AESP, A Justiça versus Claro e Pedro, escravos do cônego Fidélis Alves Sigmaringa de Moraes, 1868-1872. In: WEISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 265]

CARTA 2

Chinton.

Recebi hontem a tua carta de 8 do corrente, a que respondo hoje satisfazendo ao teu pedido de resposta urgente.

Sobre o assumpto principal da tua carta, isto é, sobre a venda da tua <parte> e das dos outros da União, eu tinha tencção de escrever-te a respeito, pedindo justamente esclarecimentos.

Depois da minha maioridade, é possível, é mesmo muito provavel, que eu adquira não¹ só a tua parte como também a parte dos outros menores. Compreendes que estas terras são para mim, que já estou estabelecido aqui com lavoura e com indústria importante, de uma vantagem immensa, para obtenção d'estas terras eu preciso sómente da tua boa vontade. Eu tenho necessidade, para base da minha operação aqui, de saber o minimo porquanto me darás a tua ou todas tres partes e em que condições m'as darás.

Si as cousas me correrem como espero até ao fim do mez, eu em principios de março terei o prazer de abraçar-te e então conversaremos mais largamente a respeito.

Do teu irmão e amigo
Lafayette

União, 15 [ou 14?] de fevereiro de 1895.

[Correspondência Passiva de Washington Luiz – Carta 34. Remetente: Lafayette Luiz Pereira de Sousa. In KEWITZ, Verena; SIMÕES, José da Silva. *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas, 2006.]

¹ O “n” foi escrito por cima de “a”, indicando correção do remetente, de “adquira a tua parte...” por “não só a tua parte”.

QUESTÃO 3

Leia o trecho abaixo:

“Um plano de texto pode ser convencional, isto é, fixado pelo estado histórico de um gênero ou subgênero de discurso. Mas o plano de texto de um editorial, de uma canção ou de um poema, o texto de uma publicidade, de um discurso político, de uma novela ou de um romance é, com frequência, ocasional, inesperado, deslocado em relação a um gênero de discurso. O papel de um sumário e, às vezes, dos entretítulos de um artigo ou dos capítulos de um romance é mostrar, explicitamente, a estrutura composicional de um dado texto”. (ADAM, J-M. *A linguística textual*. Introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011, p. 258)

Tomando por base a discussão de Adam (2011) sobre estruturações composicional e sequencial dos textos, discorra sobre o conceito de plano de texto, sua classificação e apresente exemplos de análise com base nessas noções.